

NOTAS

A FORÇA DO TEATRO...

Francisco FRAGOSO *

Um novo ano se desponta, marcado pelo sonho do novo milénio, facto que projecta, *ipso facto*, 2000 como número mítico, na medida em que para ele converge a síntese do milénio que termina e, por inerência, dele flui toda uma gama enorme de expectativas para o século vindouro.

Demais, não é todos os anos que se pode ter o luxo de pensar no futuro século que se avizinha e ainda menos no próximo milénio.

De feito, o segundo milénio cristão caminha a passos largos para o seu término! A vastidão do terceiro milénio abrir-se-á muito brevemente aos nossos olhos expectantes. Teremos o singular privilégio de transcorrer uma grande data histórica. Trata-se de um momento marcado por uma inquietante incerteza de estarmos no prelúdio do tão mitificado ano 2000, ano que registrará na sua dobragem para 2001 uma dupla viragem cronológica: a passagem do século e do milénio.

E hei-nos, como corolário lógico, no momento em que a grande indústria, o maquinismo, a urbanização e a economia capitalista transformam a estrutura das sociedades e o **teatro**, por imperativo das circunstâncias, parece sofrer uma mutação brusca. Os princípios, até aqui permanentes, que regiam a encenação, são alterados, subvertidos, pela aparição de técnicas novas, ideologias estéticas que modificam a criação dramática se exprimem, públicos novos penetram nas salas e trazem com eles desejos, tendências, necessidades até então desconhecidos.

Se a ideia de destino parece se desmoronar, outras exigências solicitam o homem, que já não se reduzem à **fatalidade transcendente**, nem aos modelos tradicionais.

Numa palavra e expressão, a **imagem do homem** está profundamente mudada.

(*) Médico. Lisboa. Portugal.

A experiência do teatro nas sociedades modernas não é simples: o advento do **cinema** mudou profundamente as suas formas e os seus temas. Falou-se mesmo da morte do teatro. Asseverou-se que ele (o teatro) se reduziria a uma arte de museu.

Essas profecias, porém, não se produziram nesta época, antes pelo contrário. Não somente o **teatro sobreviveu**, mas ainda se apoderou daqueles elementos do cinema que podiam lhe servir e, em face do seu rival, tentou encontrar a sua especificidade. Numa certa medida, o cinema ajudou, mesmo constringido, o teatro a **inventar** a sua **pureza**.

O **teatro**, inventando uma linguagem que lhe é própria, reencontra uma significação nova: não coloca o acento sobre um dos perigos das sociedades modernas? Não indica um dos *abismos* em que se arrisca a cair a humanidade? A extrema proliferação dos organismos tecnocráticos e planificadores que tendem a organizar as sociedades modernas não vai arrancar definitivamente o homem da *base* o seu poder de decisão, seja qual for o regime político que se tenha?

Se as técnicas extravasaram as estruturas sociais que os fizeram nascer (Gurvitch) e assim libertaram valores de civilizações que os controlavam, heinos ameaçados de uma forma de alienação à qual Marx não havia sonhado e que número de post-marxistas contribuíram, aliás, amplamente a preparar. O homem corre o risco de tornar-se escravo das forças técnicas libertadas ou tornadas independentes e de se perder numa torrente rápida que vencerá a sociedade e a civilização...

Nesse sentido, o **teatro da literalidade**, que apresenta a pessoa humana na sua nudez e recorre aos elementos mais simples para demonstrar a situação perigosa, exerce uma função salutar e libertatória. Em vez de consolar o homem e de o adormecer com palavras e sentimentos, o desperta e o provoca. Procura excitar nele uma energia latente que é uma forma de liberdade colectiva.

Mas já, o cinema (e por extensão, a própria televisão, outrossim, por que não, a multimédia, a Internet...) já não pode(m) obter estes efeitos, salvo em raríssimos casos. O **teatro** sozinho, hoje, após haver tirado do cinema o que o cinema podia trazer-lhe, está, sem dúvida, em medida de actuar eficazmente sobre os grupos, dando-lhes espectáculos da sua situação concreta.

Na verdade, o cinema exerceu sobre o teatro uma influência benéfica. Que se utiliza para acentuar um modo de percepção que aproxima o espectáculo dramático da história real, que se tira daí os elementos fundamentais de uma literalidade, decifrando estes sinais simples que uma arte jovem não falta jamais de reencontrar nos seus primórdios – o **teatro se transformou e se revigorou**. E aí ainda, o teatro luta para a liberdade contra as civilizações ameaçadoras, as tradições mortas e os desequilíbrios perigosos.

Em suma, como sempre, ele luta contra a fatalidade, oferecendo do inelutável, a imagem derrubada...

Enfim, com ênfase e elevado empenho, assume o **teatro** este grande repto e missão de serviço público, concretamente nesta passagem rara de uma grande data, outrossim, singular por ser a passagem de um século e concomitantemente de um milénio da nossa era cristã.